

Relato de Experiência



X ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Jequié, 6, 7 e 8 de outubro de 2025

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA NA UNIVERSIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lorrana Santos de Oliveira¹

Adriana Santos Santana²

Luana Campos Meira³

Zulmerinda Meira Oliviera⁴

Daniela Márcia Neri Sampaio⁵

Vilara Maria Mesquita Mendes Pires⁶

Introdução

A adolescência e a juventude configuram fases de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, nas quais a sexualidade ocupa posição central na constituição da identidade e da autonomia dos sujeitos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde sexual como um estado de bem-estar físico, mental e social em relação à sexualidade, que requer abordagem positiva e respeitosa, bem como a possibilidade de vivenciar experiências sexuais seguras e livres de coerção e discriminação (Who, 2015). No Brasil, dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) revelam que 35,4% dos adolescentes entre 13 e 17 anos já tiveram relação sexual, sendo que, apesar de 63,3% declararem uso de preservativo na primeira relação, apenas 59,1% utilizaram na mais recente, indicando queda na proteção (Brasil, 2019). Entre 2009 e 2019, observou-se redução significativa do uso de preservativos entre jovens de 13 a 15 anos, de 69,1% para 53,5%, o que aponta vulnerabilidades crescentes.

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: 202220890@uesb.edu.br.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: 202210539@uesb.edu.br.

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: luana.campos@uesb.edu.br.

⁴ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: zulmerinda.meira@uesb.edu.br.

⁵ Enfermeira. Doutora em Memória, linguagem e sociedade. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: daniela.neri@uesb.edu.br.

⁶ Enfermeira. Doutora em Família e Sociedade Contemporânea. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: mesquita.vilara@uesb.edu.br.

Tais dados reforçam a necessidade de políticas públicas e práticas educativas permanentes, sobretudo em espaços de formação como as universidades. Os tabus associados ao uso de preservativos, o desconhecimento sobre métodos contraceptivos e a vergonha em dialogar sobre sexualidade configuram barreiras importantes para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez não planejada. A literatura aponta que programas estruturados de educação sexual contribuem para a redução de comportamentos de risco e favorecem o exercício da autonomia e da cidadania (Paiva *et al.*, 2020; Unesco, 2018).

Nesse contexto, as ações extensionistas desenvolvidas nas universidades constituem estratégias potentes para a promoção da saúde sexual, ao possibilitar espaços de diálogo, troca de saberes e construção de práticas emancipatórias.

Objetivo

Relatar a experiência vivenciada por discentes do projeto de extensão “Educação para Prevenção: Uma Questão de Saúde Sexual e Reprodutiva”, desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, destacando as atividades educativas realizadas no espaço universitário e refletindo sobre seus impactos e desafios frente aos tabus relacionados à sexualidade.

Descrição da Experiência

As atividades foram realizadas no pátio do campus universitário, local de grande circulação estudantil. O espaço foi organizado com mesa expositiva contendo insumos de prevenção, como preservativos masculinos e femininos, e diferentes métodos contraceptivos (camisinha feminina, diafragma, dispositivo intrauterino – DIU – e implante subdérmico).

A metodologia foi baseada na abordagem dialógica e participativa, sustentada em Paulo Freire, valorizando a escuta e a construção coletiva do conhecimento. Os extensionistas dialogaram com os discentes em linguagem acessível, esclarecendo dúvidas, desconstruindo mitos e estimulando reflexões sobre saúde sexual e reprodutiva.

A estratégia visou não apenas transmitir informações, mas também promover a quebra de tabus e incentivar o protagonismo juvenil na tomada de decisões sobre sua saúde. Os estudantes foram convidados a participar de rodas de conversa informais, em que puderam expor suas percepções, experiências e dificuldades em relação ao uso de métodos contraceptivos.

Repercussões

A experiência evidenciou tanto desafios quanto avanços. Observou-se resistência inicial de alguns discentes em se aproximar da atividade, revelando o constrangimento ainda presente em tratar publicamente de temas ligados à sexualidade. Esse comportamento reflete padrões culturais que associam o sexo a vergonha e silêncio, dificultando a busca por informações confiáveis (Santos *et al.*, 2021).

Entretanto, após o primeiro contato, os estudantes demonstraram grande interesse, trazendo dúvidas sobre eficácia dos preservativos, funcionamento do DIU, formas de uso da camisinha feminina e características do implante subdérmico. Muitas alunas relataram nunca ter visto uma camisinha feminina ou um diafragma, evidenciando lacunas significativas no acesso a informações.

A distribuição de preservativos masculinos não despertou tanto interesse, uma vez que muitos estudantes relataram sentir vergonha em solicitá-los. Esse achado reforça a importância de discutir construções de gênero, masculinidades e responsabilidades compartilhadas no âmbito da contracepção (Vilela *et al.*, 2019).

A ação extensionista mostrou-se essencial para estimular o diálogo e desconstruir tabus, contribuindo para a formação de uma consciência crítica sobre saúde sexual. Além disso, fortaleceu a percepção da universidade como espaço de promoção da saúde e não apenas de formação acadêmica, ampliando a função social da instituição.

A literatura confirma que a implementação de programas de educação sexual em ambientes educativos está associada à melhoria do conhecimento, maior uso de contraceptivos e redução de riscos (Unesco, 2018; Paiva *et al.*, 2020). Assim, os resultados observados neste relato dialogam com evidências científicas e apontam a importância de institucionalizar tais ações como práticas permanentes.

Considerações Finais

O relato evidencia que a persistência de tabus e constrangimentos relacionados à sexualidade ainda constitui obstáculo para a promoção da saúde sexual entre jovens universitários. No entanto, a experiência mostrou que, quando criados espaços de escuta e diálogo, os estudantes respondem com interesse e abertura, demonstrando grande demanda por informações seguras.

As práticas educativas extensionistas representam, portanto, estratégias fundamentais para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, ao favorecer a autonomia, a cidadania e a redução de vulnerabilidades. Recomenda-se a continuidade e ampliação de iniciativas dessa natureza, assegurando sua inserção sistemática nos espaços universitários e escolares.

A universidade, ao assumir seu papel social, contribui para formar não apenas profissionais, mas também cidadãos conscientes, capazes de exercer sua sexualidade de forma segura, livre e responsável.

Descritores: Saúde Sexual. Educação em Saúde. Extensão Universitária. Métodos Contraceptivos. Tabus.

Eixo Temático 2: As práticas de cuidado no contexto do Sistema Único de Saúde.

Referências:

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE): 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

PAIVA, V.; ARANHA, F.; BASTOS, F. I. Juventude, sexualidade e prevenção: o papel da informação e da comunicação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 575-586, 2020.

SANTOS, L. A.; OLIVEIRA, A. C. Educação em saúde sexual: desafios e possibilidades na universidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [S. l.], v. 45, n. 4, p. 1-10, 2021.

UNESCO. **International technical guidance on sexuality education: an evidence-informed approach**. Paris: UNESCO, 2018.

VILELA, W.; BARBOSA, R. M.; MOURA, A. A. Juventude, sexualidade e reprodução: desafios contemporâneos. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, PR, v. 27, n. 3, p. 1-15, 2019.

WHO – World Health Organization. **Sexual health, human rights and the law**. Geneva: WHO, 2015.